

Prefácio

Reminiscências e passagens em volta do mundo

Beleza peregrina costura fronteiras: entre lugares; entre passado e presente; entre ficar e passar; entre dor e esperança. Aliando a introspecção autobiográfica e a panorâmica do viajante, Valério de Medeiros alterna alumbramentos/desapontamentos do menino aprendiz e argúcias do analista mestre, ao percorrer continentes, primeiro de dentro de uma rede – “balão enorme em volta do mundo” – pendurada entre a goiabeira e o pé de pinha do quintal de casa, depois em aviões, bondes, *vaporettos*, a pé. Articulando metáforas e descrições, conduz o leitor através de sensações ora envoltas em representações subjetivas, ora nitidamente ancoradas no objeto observado, sob o rigor do olhar do estudioso de lugares – paisagens, cidades, casas e os que nelas estão.

São evocações de casas que “sussurram, gracejam... e contam histórias” de gentes e lugares; do “encanto da decadência” na cidade escura do Porto; de almas que assomam das frestas das muralhas nas madrugadas e marcham pelas vielas da Alfama; da Rocha Sagrada que paira, resplandece e irradia por sobre e por trás da Atenas malcuída; do “pavor silente que assobia medos de décadas atrás” em terras sul-africanas.

São visões de cidades como o da “Veneza prosaica das sacolas de compras, das corridas para alcançar os barcos e das crianças voltando para casa depois de um dia na escola”; dos enclaves vigiados, muralhas, fios elétricos e ruas vazias, em contraste com a “encruzilhada de gente – negros, árabes e hindus”, cenários percebidos como vestígios “de um *apartheid* inconcluso” ou como a “paz na pobreza”, em um e outro lado da fronteira entre países africanos.

A busca por emendar fragmentos para recompor uma continuidade fendida segue paralela à constatação da impermanência de tudo. Da desejada eternidade “das gavetas da casa de meus pais” onde repousam as cadernetas em que o menino-viajante colecionava nomes de lugares; do reconhecimento de que o que era e já não é para ele no sítio dos avós (que tampouco lá estão), já não era o que foi para a mãe; da saudade do eu que já não é, embutida na saudade de Gamla Stan, onde tinha estado (e nunca estivera) o menino-viajante, saudade intensamente sentida pelo viajante homem, enquanto lá sentado com a câmera nas mãos; do silêncio da vila morta de Marvão, a “lembrar a passagem de tudo”.

Da aceitação da impermanência, surgem, contudo, lampejos sinalizando passagens, epifanias – “ancorado na paisagem sem pensar no que houve, nem no que haverá [...], observo o movimento e acredito na inconstância”. Em uma terrível aterrissagem em Fortaleza, ouviu “um menino, bem satisfeito, incredivelmente feliz, perguntar em voz solta: ‘Mãe, vamos morrer?!’”. Em um momento marcado por dor e solidão, no etos lodacento de uma Veneza que se desfaz na liquidez do pântano, “o sol rompeu as nuvens lá fora e afundou a cidade em clarões. Os raios atravessaram uma das lanternas da cúpula e seguiram diretamente para mim [...]. Nada mais balançava ao redor. O chão estava surpreendentemente firme como a pedra”.

Beleza peregrina encanta, transporta, comove, faz recordar, talvez chorar, sobretudo pensar. Na diversidade do mundo, na impermanência de tudo, na esperança de seguir. De dentro do cenário frio, duro e descorado que aprisiona corpo e alma num quarto de hospital, o burburinho da avenida – a despeito de cerzidos de bicicletas e dos tons das toalhas de piquenique no asfalto – soa abafado, pálido e inerte, frente ao alastramento do vermelho viscoso que nauseia e estraçalha sentidos. Mas, ultrapassando a fronteira da coragem e da obstinação, dos temores e incertezas, a alma é capaz de levantar voo sobre águas, Áfricas e dunas, até dobrar o cabo. Não para ser “devorada com o instinto de destino que há no mar”, em não achando a Índia, como no poema que inspira o escrito que fecha o livro, mas para buscar outras índias, e outros cabos, os de Boas Esperanças, seguramente.

Edja Trigueiro
Natal, julho de 2016